

MIRANDA, Maria Brígida de. **Teatro feminista na pós-graduação** - uma experiência na criação e condução de uma disciplina acadêmica. Professora Associada do Departamento de Artes Cênicas. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis. *Doctor of Philosophy* (2004) pela La Trobe University, Austrália.

RESUMO: Neste artigo faço um breve apanhado de minha experiência ao criar e ministrar por três anos (2017, 2018 e 2019) um curso introdutório sobre "Teatro Feminista" para as turmas dos cursos de Mestrado e Doutorado em Teatro no Programa de Pós-graduação em Teatro (PPGT) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na cidade de Florianópolis. Primeiramente apresento aspectos do Programa da disciplina eletiva "Seminário Temático 1: Introdução ao Teatro Feminista" e posteriormente relato alguns desdobramentos dos resultados alcançados.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Teatro feminista. Ensino na pós-graduação.

ABSTRACT: In this article I present a brief report on my experience of designing and teaching a postgraduate subject on Feminist Theatre in the Postgraduate Theatre Program, at the University of the State of Santa Catarina, in Florianópolis. I conducted the subject for three years (2017, 2018 and 2019) and it was attended by students undertaking the Masters' Degree Program and the Doctorate Degree Program. The text focuses on topics of the Course Syllabus "Seminário Temático 1: Introdução ao Teatro Feminista" to further present some of the unfolding results.

KEYWORDS: Feminism. Feminist theatre. Teaching at postgraduate level.

Introdução e contexto

Meu trabalho sobre as temáticas do teatro feminista e dos estudos de gênero nas artes da cena remonta a minha pesquisa de doutorado¹, de 1999 a 2004 na La Trobe University, na cidade de Melbourne, na Austrália. Tive como orientadora a Dra. Peta Tait, uma expoente acadêmica, dramaturga e autora de obras seminais que abordam práticas teatrais feministas no contexto australiano e as questões de gênero no circo tradicional, circo novo e o teatro físico. Em minha tese de doutorado "*Playful Training: Towards Capoeira in The*

¹ Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior - CAPES, Ministério da Educação que possibilitou por meio de Bolsa de Doutorado no Exterior a realização de meus estudos.

Physical Training of Actors” (2004)², publicada como livro em 2010, abordei questões como a insidiosa neutralidade dos discursos sobre o corpo “do ator”; a invisibilidade do trabalho feminino nas várias esferas do teatro, e as estruturas narrativas alicerçadas em representações conservadoras binárias e heteronormativas³. Ao retornar ao Brasil em 2004, fixei residência em Florianópolis e ingressei como docente nas áreas de Interpretação e Direção Teatral do Departamento de Artes Cênicas (DAC) da Universidade do Estado de Santa Catarina. Desde 2006, conduzo projetos de pesquisa e extensão que abordam questões de gênero na prática teatral e estudos sobre teatro feminista, dirijo espetáculos teatrais feministas e oriento monografias, dissertações e teses. Não é exagero dizer que muitas dessas produções textuais de orientadas e orientandos constituem as primeiras reflexões sobre a prática teatral a partir das discussões sobre gênero e ativismo feminista no Brasil. Calcada nessa trajetória e estimulada pelo interesse de colegas, de pesquisadoras teatrais de várias instituições e de minhas orientadas e orientandos de pós-graduação, planejei uma matéria optativa que abordasse dois eixos: a crítica feminista aplicada ao teatro e as práticas teatrais feministas.

A proposta do curso "Introdução ao Teatro Feminista"

Intitulada ‘Introdução ao Teatro Feminista” organizei a proposta no formato de "Seminário Temático", módulo que permite que disciplinas que não constem no Projeto Pedagógico do Curso de Mestrado e Doutorado do PPGT, possam ser oferecidas sem que se faça uma reforma curricular. No primeiro semestre de 2017 conduzi pela primeira vez a matéria “Seminário Temático 1: Introdução ao Teatro Feminista”, na pós-graduação em Teatro, em 15 semanas, com 4 créditos e totalizando 60 horas-aula. Nos dois anos seguintes — no segundo semestre de 2018 e no segundo semestre de 2019, mantive a mesma matéria optativa porém, assimilei no conteúdo e na bibliografia algumas sugestões de discentes e busquei dar mais ênfase à produção teatral local

² Tese desenvolvida na *La Trobe University*, na Austrália, sob a orientação da Dra. Peta Tait, renomada pesquisadora com inúmeros livros publicados nas áreas de teatro feminista, circo e teatro físico.

³ MIRANDA, Maria Brígida de. *Playful Training: towards capoeira in the physical training of actors*. Tese (Doctorate Thesis), La Trobe University, Melbourne, 2004.

relacionada às temáticas feministas e LGBTTIQ's. Uma grande contribuição veio do diálogo com minha colega do Departamento de Artes Cênicas e do PPGT, a Doutora Daiane Dordete Steckert Jacobs, pesquisadora da área de técnica vocal, atriz, diretora e contadora de histórias. Jacobs, de quem fui orientadora no curso de doutorado, discutiu em sua tese intitulada "*Possível cartografia para um corpo vocal queer em performance*" (2015), a normatividade e o binarismo de gênero no treinamento vocal de atores e atrizes. Jacobs tornou-se ao longo dos anos, não só amiga e colega, mas também uma surpreendente parceira na ampliação do pensamento acadêmico sobre arte e gênero⁴. No segundo semestre de 2019, nós estruturamos o curso de forma que eu ministraria as 5 primeiras aulas e sairia em Licença Prêmio e ela continuaria as dez aulas seguintes do curso com o título e conteúdo atualizados "Introdução ao Teatro Feminista: dramaturgias, encenações e ativismos".

As informações que trago a seguir entrelaçam aspectos destes três anos de experiência. Tenho como foco a apresentação do Programa da Disciplina, documento que, como mencionado anteriormente, estruturei nos anos de 2017 e 2018 e que em sua última versão, contou com contribuições inestimáveis da Dra. Jacobs. Trabalho a partir da ideia de "herstory"⁵, conceito feminista que abracei para minhas várias práticas e reflexões:

Para escrever sobre a minhas experiências com a prática teatral feminista, adoto o termo (her)story, um neologismo criado pela escritora, poeta, teórica e uma das mais influentes feministas estadunidenses na década de 1960: Robin Morgan². (Her) story é um trocadilho em língua inglesa com a palavra (His)tory. Morgan propõe uma performance com o termo History, destacando o pronome masculino "his" [dele] e o substituindo pelo pronome "her" [dela]. A proposta é escrever a história segundo a experiência das mulheres e de uma perspectiva feminista (MIRANDA, 2018: 233).

Aqui, conto essa "herstory" de professora-mulher-feminista sobre uma experiência de ensino do teatro feminista na pós-graduação. Importa saber que esta é a primeira vez que apresento este relato em formato de texto a ser

⁴ Jacobs é uma incansável ativista das políticas de identidade no âmbito do Departamento de Artes Cênicas e na pós-graduação. Ela tem se destacado como uma competente gestora no Centro de Artes (CEART), especialmente no setor da extensão universitária, no cargo de Diretora de Extensão do CEART.

⁵ MIRANDA, Maria Brígida de. Colcha de Memórias: Epistemologias Feministas nos Estudos das Artes da Cena. Urdimento, Florianópolis, v.3, n.33, p. 231-248, dez. 2018.

publicado. Nesta primeira versão do artigo, faço uso apenas da minha voz, conto da minha experiência, sabendo que ela se entrelaça com as experiências de muitas outras mulheres e homens. Mas, penso que a partir deste primeiro texto, as experiências na Disciplina "Seminário Temático: Introdução ao Teatro Feminista" possam ser narradas também por outras vozes. Minha intenção é a de convidá-las com este disparo para futuras escritas. Dito isso, meu objetivo ao compartilhar um texto tão específico é o de disponibilizar para colegas professoras e professores detalhes de um curso que tem, por sua temática atual, despertado o interesse de muitas pesquisadoras da área de artes.

Pergunta Guia do Curso: "O que é o Teatro Feminista?"

Minha ideia na criação do curso era caminhar a partir de uma pergunta recorrente: "o que é o teatro feminista?" Esse disparo foi o que me motivou inicialmente a pesquisar o termo em uma literatura produzida eminentemente nos contextos ingleses, estadunidenses e australiano. Mas concluído o doutorado, e com meu retorno ao Brasil, o meu exercício foi o de buscar um redefinição do termo a partir de fenômenos artísticos em solo brasileiro. Tento expressar esses "dois mundos", "o exterior — onde surge o termo" e o "Brasil, onde reivindico o termo" na Ementa da matéria:

Uma introdução ao teatro feminista produzido em contextos culturais específicos --- Inglaterra, Estados Unidos da América, Austrália e Brasil. Definições, limitações e problematizações do termo "Teatro Feminista". Estudos sobre os contextos históricos, os discursos, as teorias e as práticas teatrais dos Teatros Feministas de primeira, segunda e terceira ondas. Investigações sobre as práticas teatrais feministas no Brasil do século XX e no Brasil contemporâneo: dramaturgias, processos de criação artística, estruturas e estratégias de trabalho, ativismo, democratização e empoderamento. Problematizações sobre a relação forma e conteúdo em proposições estéticas feministas (Plano de Ensino, "Seminário Temático 1: Introdução ao Teatro Feminista; dramaturgias, encenações e ativismos", 2/2019).

A partir dessa Ementa sinalizo guias de percursos para que as discentes e os discentes aventurem-se a responder "o que é o Teatro Feminista?". Cito o texto escrevi e que eu e Jacobs apresentamos no Programa de 2/2019:

A pergunta busca o caminho oposto de um conceito universal. Enquanto campo de estudos o "Teatro Feminista" conjuga práticas teatrais, movimentos feministas, teoria crítica feminista, filosofia,

historiografia, ativismo político e uma pletera de movimentos sociais. Além deste aspecto rizomático o "Teatro Feminista" como prática e construção epistemológica floresce em diversos contextos geopolítico-culturais, o que lhe confere uma pluralidade de histórias - muitas a serem contadas e estudadas - teorias, políticas, ativismos e práticas teatrais. Assim, este curso pretende pontuar algumas dessas manifestações de um termo que pode ser pensado no plural, ou seja "Teatros Feministas". Por ser um termo guarda-chuva, o curso será desenvolvido a partir de "estudos de caso" para refletir sobre as tensões entre teoria, estética e ativismo (*Ibidem*).

O Documento Programa da Disciplina, após a apresentação da Ementa expõe as escolhas pessoais e acadêmicas que me levaram a estruturar o curso a partir de uma literatura predominantemente estrangeira:

A literatura deste curso parte das pesquisas desenvolvidas em países anglófonos. No âmbito acadêmico, os estudos sobre "Teatros Feministas" estruturaram-se a partir da década de 1980 com contribuições pioneiras de pesquisadoras estadunidenses⁶ com a organização de fóruns, publicação de livros e revistas sobre o assunto. Paralelamente pesquisadoras britânicas⁷ publicaram livros seminais e na década de 1990 temas como o teatro físico, circo e colonialismo foram abordados por pesquisadoras Australianas⁸. No Brasil o campo dos estudos da mulher e estudos feministas desde a década de 1980 e mais recentemente dos estudos de gênero e dos estudos *queer* têm se estruturado como campos multidisciplinares em cursos nas faculdades de humanidades⁹. Há pelo menos três décadas a área de literatura e crítica literária traz algumas pesquisadoras que se embasam nas teorias feministas e de gênero. Mas, mesmo observando que os estudos feministas engendraram várias disciplinas - inclusive os estudos literários - a área de artes cênicas permaneceu até aproximadamente 2008 pouco permeável para (trans)abordagens teóricas como a teoria crítica feminista (*Ibidem*).

Na continuação do texto, faço um breve histórico das mudanças no nível macro-político que eu testemunhei e ações das quais fiz parte no nível de micro-políticas, como mulher, feminista e professora do Departamento de Artes Cênicas:

Percebo, como uma das pesquisadoras da área no Brasil, que nos últimos cinco anos – talvez pelo contexto de Golpe de Estado em 2016, pelo acirramento das políticas neoliberais e a proliferação de discursos de intolerância e ódio - há uma crescente visibilidade de inúmeros eventos e atos sobre feminismo e gênero. Talvez a visibilidade, a criação de redes sociais e a multiplicidade de discursos sobre questões de gênero e feminismos estimulem e fortaleçam uma transformação dos estudos teatrais brasileiros sobre o tema. Em

⁶ Destacam-se Jill Dollan, Peggy Phelan e Sue-ellen Case.

⁷ Elaine Aston e Lizbeth Goodman.

⁸ Peta Tait.

⁹ Veja a história dos estudos feministas no Brasil e institutos de estudos de gênero. Acesse: <http://www.ufrgs.br/nucleomulher/quemsomos.php#foco> e <http://www.fafich.ufmg.br/nepem/>.

minha experiência de organização e participação em eventos acadêmicos observo que a resistência de colegas de ofício parece estar dando lugar a um crescente interesse em “engendrar” os estudos de teatro no Brasil a partir das teorias feministas, de gênero e *queer*. Se por um lado intuo que uma das razões é a popularização das questões de gênero na grande mídia e redes sociais. Por outro lado vale destacar como os governos do presidente Lula (2003-2010) e da presidenta Dilma Rousseff (2011-2016) promoveram investimentos e criação de políticas públicas que ajudaram a popularizar o assunto da igualdade de gênero no Brasil¹⁰. Essas ações, me parecem, somaram-se as ações de diversos movimentos sociais criando reverberações inclusive na produção artística brasileira.

No âmbito acadêmico, a imagem que vejo é de uma “onda feminista” formada por colegas, pesquisadoras e pesquisadores e artistas que querem “falar” sobre “mulheres”, “gênero” e temáticas LGBT nas artes da cena. Colegas pesquisadoras e pesquisadores somaram vozes a assuntos que apontei e problematizei em minha tese de doutorado *“Playful Training: Towards Capoeira in The Physical Training of Actors”* (2004). Desde meu retorno ao Brasil tento refletir sobre esses assuntos no contexto brasileiro. Algumas destas inquietações diante do que apontei como uma “cegueira de gênero” (2004) encontraram eco nas pesquisas de outras autoras.

A partir de 2006 o Departamento de Artes Cênicas (DAC) e o Programa de Pós-graduação em Teatro (PPGT) da Universidade do Estado de Santa Catarina destacam-se por abrirem espaços pioneiros de produção de práticas e discursos sobre teatros feministas. São inúmeras ações que têm como objeto de estudo o teatro feminista: projetos de pesquisa, encontros, grupos de estudo e ciclos de palestras, mostras audiovisuais, simpósios temáticos, mostras teatrais, artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. Tomo como um marco histórico dos estudos sobre teatro feminista na UDESC, o estudo e encenação de uma peça exemplar de teatro feminista nas disciplinas de Montagem Teatral I e Montagem Teatral II, com uma turma de 21 alunas e alunos do curso de Licenciatura e Bacharelado em Teatro da UDESC, no período de 2007 e 2008. *Vinegar Tom* é uma das mais conhecidas peças feministas da dramaturgia anglófona. Escrita pela renomada dramaturga inglesa Caryl Churchill em colaboração com o grupo de teatro feminista *Monstrous Regiment* em 1976, a peça foi objeto de análise do Grupo de Estudos “Teatro e Gênero” (2006-2008) coordenado por mim, e traduzida pela então bolsista de Iniciação Científica (CAPES) Claudia Mussi em 2007. Tomo esta experiência como uma das mais significativas, pois ela primeiramente introduziu o termo “teatro feminista” como tema de pesquisa em 2006 e que em seguida, associei a pesquisa a um projeto de ensino e encenação em uma disciplina obrigatória da grade curricular da graduação em teatro. Em segundo lugar, porque o espetáculo deu “visibilidade” a uma prática até então desconhecida e mesmo inexistente para a maioria das pessoas de teatro da cidade, uma vez que o espetáculo ficou em temporada na UDESC e nos principais teatros da cidade por dois semestres. Em terceiro lugar, porque o espetáculo *Vinegar Tom* foi selecionado para a mostra oficial do Festival de Teatro Isnard Azevedo em 2008. O que gerou ao longo do

¹⁰ Por exemplo, em 2006 foram criados, no âmbito de investimento acadêmico, o Prêmio Construindo Igualdade de Gênero do Programa Mulher e Ciência <http://www.igualdadedegenero.cnpq.br/igualdade.html> e na esfera legislativa instituída, a Lei Maria da Penha de 2006 ver http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm.

processo curiosas discussões institucionais e críticas jornalísticas sobre a legitimidade de um espetáculo universitário ser selecionado para o espaço "oficial" de um festival de teatro nacional. Neste sentido vale pensar em que medida a preocupação com a "legitimidade" pode ofuscar uma agenda política que coíbe ações que dão visibilidade ao trabalho de mulheres no teatro.

Destaco outros dois marcos históricos sobre o estudo das questões de gênero na área de estudos teatrais. No âmbito acadêmico de produção e difusão de discursos sobre teatros feministas, organizamos o primeiro Simpósio Temático específico sobre Teatro e Gênero na oitava edição do Seminário Internacional Fazendo Gênero, em 2008. E em 2013 lançamos um número dedicado "Teatro e Gênero" na Urdimento: Revista do Programa de Pós-graduação em Teatro da UDESC. O dossiê especial reuniu textos inéditos, de artigos a cartas, fotografias, entrevistas, e traduções. Em 2018, lançamos o dossiê "Teatro Feminista: Lutas e Conquistas". Ao longo destes anos muitas pesquisadoras e artistas se integraram a este campo de investigação. Atualmente a Linha de Pesquisa "Imagens Políticas" do Programa de Pós-graduação em Teatro (PPGT) da UDESC, fundada pelas pesquisadoras Dra. Daiane Dordete Steckert Jacobs, Dra. Fátima Costa de Lima, Dra. Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra, Dra. Tereza Mara Franzoni e eu busca aliar os discursos feministas às teorias decoloniais e interseccionais para gerarmos novas epistemologias nos campos do teatro e da performance. Como professoras orientadoras reunimos em torno deste propósito muitas pessoas em desenvolvimento de suas pesquisas acadêmicas. Neste semestre, na presente disciplina de pós-graduação Introdução ao Teatro Feminista: dramaturgias, encenações e ativismos, eu e a Dra. Daiane Jacobs convidamos você a compartilhar conosco desta jornada de aprendizado, investigação e produção de novos saberes feministas (*Ibidem*).

Por meio da produção de um documento institucional, ou seja, o Programa da Disciplina, tentamos dar visibilidade a uma nova área de saber assim como nomeamos as mulheres que fazem parte dessa rede de produção de conhecimento. Tenho particular carinho por esse exercício de relembrar os nomes e os feitos das mulheres. E confesso que é sempre um exercício árduo e delicado pois, ao lembram-me de uma penso em quantas eu me esqueci e em quantas eu acabo obliterando.

Conteúdo e Cronograma

Esse esforço de lembrar-se de algo que nunca nos foi contado orientou a escolha do conteúdo, a organização do cronograma e a bibliografia do curso. Uma inspiração para começar esse exercício infinito da memória é o trabalho pioneiro da pesquisadora da brasileira Lúcia Sander. Professora aposentada da área de literatura inglesa da Universidade de Brasília, Sander traduziu e difundiu no Brasil as obras da dramaturga Susan Glaspell. E como dramaturga e atriz Sander dá corpo ao teatro feminista nos congressos, encontros e

festivais nacionais e internacionais desde o início dos anos 1990. Abrimos o Programa da disciplina com a seguinte “profecia” se Sander:

Tudo o que foi perdido corre o risco de ser encontrado, e tudo o que se encontra já estava lá para ser des-coberto, não por alguém, mas pelo mundo pronto para o reencontro – para rever o que escondeu, esqueceu. As descobertas são um ato coletivo (SANDER, Lúcia, O Teatro de Susan Glaspell. s.d.:5).

O desafio de fazer um estudo sobre o teatro feminista constitui-se em um esforço de memória, um empenho em desvelar nomes que foram apagados, ler obras que ficaram trancadas em gavetas ou livros que foram proibidos e encenar peças que não foram execradas, rechaçadas pelos críticos ou censuradas. E é a partir desse pensamento que não só demos forma ao conteúdo e bibliografia mas enredamos as atividades de cada encontro. Aliás, um dado importante das aulas da matéria Introdução ao Teatro Feminista é que elas são quase que sempre um exercício da memória, literal e simbólico. Apresento a seguir a estrutura criada por Jacobs e eu para o segundo semestre de 2019:

1ª aula - Temática: Movimentos Feministas e Movimentos Artísticos: Uma (des)vinculação estratégica? Aproximações dos termos dos discursos sobre “Teatro feminista”.

Apresentação das professoras e estudantes. Apresentação do plano de ensino e combinados. Apresentação da área de estudos e seus contextos de criação, desenvolvimento e inserção. As principais questões e matérias do Teatro Feminista como área de estudo. Conceitos: “invisibilidade”, “patriarcado”, “arte política”, “feminismo”.

2ª. aula - Temática: Revisões históricas sobre a produção de mulheres no teatro. Estratégias de visibilização – O conceito de “Herstory” e um estudo de caso: Lucia Sander e o pioneirismo na área de teatro e literatura dramática no Brasil.

Susan Glaspell. *Jury of her Peers*. Direção: Sally Heckel. Filme baseado em Bagatelas.

3ª aula - Temática: Primeira Onda - Movimento Sufragista, dramaturgas, diretoras, atrizes e ativismo. Estudos de casos: Josephina Álvares de Azevedo e Eddith Craig.

4ª. aula - Temática: Segunda Onda - Feminismo Socialista – Processos de criação, pesquisas e “arqueologias” de histórias de mulheres, histórias pessoais e coletivas como mote dramatúrgico, divisão de trabalho, democratização das funções no teatro e empoderamento feminino. Estudo de caso: A dramaturgia e as encenações de *Vinegar Tom*.

5ª. Aula - Apresentação do espetáculo “Maria, A Madalena”. Direção: Maria Brígida de Miranda. Atuação: Margarida Baird. Evento: Festival Isnard de Azevedo. Local: Círculo Artístico Teodora - Campeche. Servidão do Cravo Branco, 236. Horário: 20h. O espetáculo será seguido de bate-papo.

6ª. Aula - Temática: Feminismo, religião e psicanálise – A dramaturgia e a pesquisa para criação dramaturgical. Heroínas feministas – Estudos de Caso: Espetáculos Teatrais **“Retrato de Augustine”** (Peta Tait e Matra Robertson); **“A língua em pedaços”** (Juan Mayorga), **“Thérèse”** (Karla Martins Silva).

7ª. Aula - Temática: Feminismo Interseccional - Teatro Feminista Negro - Conversa com Coletivo Nega

Estudos de caso: Coletivo Nega, “Eclipsed” (Danai Gurira) e **“Venus”** (Suzan-Lori Parks).

8ª. Aula - Apresentação do espetáculo “Preta-À-Porter”. Concepção e atuação: Coletivo NEGA. Evento: Festival Isnard de Azevedo. Local: a definir. Horário: a definir. O espetáculo será seguido de bate-papo.

9ª. Aula - Temática: Feminismo e cárceres

Apresentação do espetáculo **“celas e elas”**. Direção e dramaturgia: Daiane Dordete. Atuação: Samira Sinara. Local: UDESC-CEART. Horário: 18h30. A apresentação será seguida de bate-papo.

10ª. Aula - Tema: Transfeminismos

Roda de conversa com artistas e pesquisadorxs convidadxs.

11ª. Aula - Dionisos Teatro - Joinville.

Espectáculos: **“Mãe Criada”** e **“O que é que eu tô fazendo aqui”**. Local: CEART-UDESC.

12ª. Aula - Temática: Teatro Feminista e subjetividade lésbica. Espetáculo **“Brum”**, de Daiani Brum.

13ª. E 14ª. aulas - Jornada Feminista - espaço aberto para apresentar rascunhos de criações feministas desde performances, palestras, leituras de poemas, dança, vídeos, música.

****Convite para atividade extra: dias 12/11 e 13/11 palestra e oficina sobre o trabalho com Rodrigo Cunha (SESC-Recife), diretor do grupo Bárbara Idade, com pessoas senescentes. Local: UDESC.***

15ª. Aula - Encerramento da Disciplina. Reflexões e considerações Finais (Programa da Disciplina, “Seminário Temático 1: Introdução ao Teatro Feminista; dramaturgias, encenações e ativismos”, 2/2019).

Essas informações indicam o planejamento do cronograma, que embora tenha sido adaptado em função de vários imprevistos ao longo do semestre - desde paralizações e mobilizações políticas, bancas e visitas de

professoras, reflete a estrutura básica do curso ministrado no último semestre de 2019. Como pode ser observado pelo texto acima, nós investimos na audiência de espetáculos teatrais locais que consideramos de teatro feminista, e abrimos os espaços de conversa e bate-papo com as artistas, após a cena. Essas experiências foram balizadas com uma variada bibliografia sobre teatro feminista e compartilhados em drive.

Metodologia entrelaçamento entre prática e teoria

No terceiro ano da disciplina, me senti mais forte com o apoio de Jacobs para consolidar estratégias que já havia testado nos anos anteriores: a não-separação entre prática e teoria em sala de aula e nas avaliações do curso. Entrelaçamos mãos, fizemos aulas comendo e tomando chá, assistimos espetáculos durante as aulas e propusemos que as práticas fossem feitas, contempladas e narradas, fizemos encenações para pensar textos teóricos, leituras dramáticas e performances. E tentamos lembrar, relembrar, re-contar e vocalizar nomes, histórias escondidas e aparentemente “desimportantes” e “pessoais”. Talvez isso tudo possa parecer cotidiano para um curso de graduação em teatro mas, aventurar-se a trabalhar assim na pós-graduação tem sido gratificante a medida que provoca uma alegria e interesse das estudantes e dos estudantes do PPGT. A meu ver, ao criar em sala de aula esses laços afetivos e efetivos entre pensar e fazer, pessoal e político, doméstico e público, busco exercitar o que Margarete Rago (1998) refletiu sobre as práticas feministas no âmbito das ciências como "epistemologias feministas".

Em sala de aula, ou em espaços abertos do *campus* do CEART- UDESC, fizemos várias práticas e performances para rememorar os nomes, as vidas e as obras de mulheres. Em uma ação em 2018, na primeira aula da disciplina convidei o grupo de discentes (em torno de 20 alunos e alunas de mestrado, doutorado e alunos/as especiais) para o espaço aberto de CEART, que chamamos arena, e é na verdade um pátio aberto, circular de aproximadamente 10 metros de diâmetro, com chão de cimento grosso. Nos reunimos de mãos dadas em um círculo bem pequeno. Ritualisticamente entreguei um pedaço de carvão para cada uma. Olhos nos olhos, pedi a cada

pessoa que se lembrasse dos nomes das mulheres da sua família: da mãe e das avós, que falassem esses nomes em voz alta e escrevessem no chão seus nomes. Depois pedi que falassem e escrevessem no chão nomes de dramaturgas e de diretoras de teatro. Foi interessante ver como a ação mobilizou corpo, fala e memória coletiva, trouxe lágrimas e provou um pouco o olhar de quem passava por ali. E sob o sol, a chuva e as pegadas... testemunhamos desaparecimentos.

Como avaliar?

Acredito que proposta de avaliação se aprimorou a cada semestre do curso. A medida que a metodologia se adensou na ideia de entrelaçamento entre prática e teoria, que investimos na audiência de espetáculos de cunho feminista. Muitos destes espetáculos foram apresentados durante o mês de outubro na Mostra Rosa Teatral, ação do meu Programa de Extensão Mulheres em Cena. A produção da Mostra Rosa Teatral (nos anos de 2017, 2018, 2019) contou com equipes de colaboradoras constituídas por Bolsistas de Extensão, orientandas de TCC, Mestrado e Doutorado, artistas e produtoras voluntárias e importantes parceiras com vários setores e instituições¹¹.

Cartazes de Divulgação: I Mostra Rosa Teatral 2017¹² e III Mostra Rosa Teatral 2019¹³

¹¹ Para informações sobre a programação, equipe de produção e entidades parceiras de cada edição acesse os seguintes links:

Mostra Rosa Teatral 2017 <https://nigs.ufsc.br/2017/09/30/convite-para-a-primeira-mostra-rosa-teatral/>

Mostra Rosa Teatral 2018 <https://noticias.ufsc.br/2018/10/mostra-teatral-rosa-celebra-sauda-das-mulheres-em-evento-a-partir-desta-quarta-3-de-outubro/>

Mostra Rosa Teatral 2019 <http://desacato.info/iii-mostra-rosa-teatral/>

¹² Fonte: <https://nigs.ufsc.br/2017/09/30/convite-para-a-primeira-mostra-rosa-teatral/>

¹³ Fonte: <http://desacato.info/iii-mostra-rosa-teatral/>

MOSTRA ROSA TEATRAL
de 02 a 11 de outubro



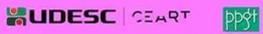
Outubro Rosa
no CEART e Teatro Armação

No mês da campanha de prevenção ao câncer de mama preparamos espetáculos teatrais, palestras e rodas de conversa sobre saúde, sexualidade e empoderamento feminino.

Onde: Ceart e Teatro Armação (Centro)
Quando: de 02 a 11 de outubro
Entrada franca no CEART
Preços populares no Teatro Armação

Dama Rota
2000 a.C.
Mesopotâmia

Realização: A Lonra Faz Teatro
Grupo de Estudos Egrégora Feminista
Bapho Produções

Apoio:  Departamento de Artes Cênicas
Núcleo de Comunicação
Teatro Armação

Programa de Extensão Mulheres em Cena apresenta:

3ª MOSTRA ROSA TEATRAL
8 a 31 outubro



Local: CEART UDESC
Evento Gratuito e Aberto à Comunidade

Distribuição de senhas para espetáculos; 30 minutos antes das apresentações, nos locais das mesmas. Sujeito à lotação

Realização:  **CEART** UDESC
Núcleo de Comunicação
Teatro Armação

Classificação:  16

As três edições da Mostra Rosa Teatral, foram realizadas paralelamente a disciplina e ofereceram programações intensas e diversificadas da agenda feminista de arte local LGBTIQ's. Discentes que fizeram a disciplina no ano anterior e mesmo aquelas e aqueles que estavam com a disciplina em andamento foram convidadas a se apresentarem na Mostra ou contribuírem como produtoras/es voluntárias/as, o que para muitas discentes originárias de outros estados ou cidades ajudou a estreitar os laços afetivos. Por ser um evento de cunho local, e acolher trabalhos de artistas da cidade e do próprio Departamento de Artes Cênicas e Programa de Pós-graduação, a Mostra Rosa Teatral, oferece exemplo de teatros feministas locais, produzidos por pessoas acessíveis e que estão investigando o campo. Essa proximidade, a meu ver, gera também o desejo das/os discentes de também produzirem cenas feministas. Abaixo apresento a proposta de avaliação flexível, onde cada discente pôde escolher a forma de produzir seu trabalho e foi convidada a desenvolver ações colaborativas:

1. Participação ativa nos debates em aula, com leitura prévia dos textos sugeridos (20% da nota final).

2. Realização de uma das seguintes atividades propostas (60% da nota final):

A. Tradução (produção individual ou em dupla), de um capítulo de livro, artigo ou entrevista para contribuir com a área de estudos. (tradução para ser distribuída apenas em aulas).

B. Produção (produção individual ou em dupla), de um artigo acadêmico, ou resenha crítica de um espetáculo teatral da cidade e enviado pronto para publicação na Coluna Mulheres em Cena (Portal Catarinas) ou entrevista contextualizada que contribua com a área de Teatro Feminista no Brasil. (máximo: 8 laudas, Arial 12). Seguir normas da Revista Urdimento.

C. Apresentação na Jornada Feminista: espaço aberto para “rascunhar” criações cênicas feministas desde performances, palestras, perfo-palestras, coreografias e filmes.. Será considerada a preparação do trabalho em dupla ou trio e o engajamento na organização do evento.

3. Resenha (escrita individual ou em dupla) de no mínimo duas laudas sobre um dos trabalhos práticos produzidos ou apresentados na disciplina. (20% da nota final). (Programa da Disciplina, “Seminário Temático 1: Introdução ao Teatro Feminista; dramaturgias, encenações e ativismos”, 2/2019).

Algumas pessoas decidiram escrever artigos e outras realizaram traduções, textos que ficaram disponíveis para outras e outros colegas. O que amplia o acesso a textos publicados em outros idiomas. Mas sem dúvida, tem sido emocionante ver os inúmeros trabalhos práticos: são espetáculos piloto, performances, shows de música, tradução de peças teatrais feministas, contração de histórias, oficinas de teatro, instalações e exposições de fotografias. Esses trabalhos cênicos trouxeram mais que resultados a serem apreciados pelos colegas e público convidado. Pude observar que o processo de criação foi ancorado no diálogo com disciplina, o que provocou poéticas e estéticas engendradas. Em 2017, processos cênicos de avaliação final da disciplina foram apresentados em uma mostra que intitulamos Ciclo Teatros Feministas em Cena. O evento aconteceu no semestre seguinte a realização do curso. A vantagem foi que a turma teve mais tempo de preparação da ação cênica, porém houve também uma dispersão de público, posto que nem todas e todos que acompanharam a disciplina atenderam a toda programação.



Objetivos e desdobramentos de resultados

Apresento agora o que escrevemos como objetivos e expectativas ao que senti e observei como aprendizado:

Objetivo

Nosso objetivo principal é criar um fórum que estimule pensamentos teórico-críticos feministas sobre as práticas teatrais e que isso instigue novas práticas e escritas para ampliarmos este campo de estudos no Brasil (Programa da Disciplina, “Seminário Temático 1: Introdução ao Teatro Feminista; dramaturgias, encenações e ativismos”, 2/2019).

Como professora aprendi que podemos estudar os teatros feministas de diversos contextos mas é essencial balizar isso com a criação de nossa própria “her-story”. Ao nos tornarmos sujeitas da história e agentes da ação, nutrimos a nossa motivação em criarmos o nosso próprio teatro feminista. Ao longo destes poucos anos observei que há mudanças na forma de pensar e agir das discentes e dos discentes sobre os processos de criação, as temáticas escolhidas e as estéticas desenvolvidas na própria prática teatral. Se alguns

¹⁴Fonte:

https://www.udesc.br/noticia/ciclo_teatros_feministas_em_cena_ocorre_na_udesc_ate_25_d_e_agosto.

espetáculos e performances surgiram destas experiências e continuaram suas trajetórias, outros espetáculos e ações amadureceram no encontro com a disciplina e ainda há aqueles que tiveram suas sementes lá germinadas. Em todos os trabalhos práticos houve "uma busca" ou melhor de "uma invenção" de um teatro feminista brasileiro contemporâneo. Que resultado poderia ser mais maravilhoso que esse?

Referências

ANDRADE, Ana L. Vieira; CARVALHO, Ana M. Bulhões (Org.). **A mulher no teatro brasileiro do século XX**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

ANDRADE, Ana L. Vieira. **Margem e centro**: a dramaturgia de Leilah Assunção, Maria Adelaide Amaral e Ísis Baião. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ASTON, Elaine. **An introduction to feminism and theatre**. London: Routledge, 1995.

CASE, Sue Ellen. (Ed.) **Performing feminisms**: feminist critical theory and theatre. Baltimore: The John Hopkins UP, 1990.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero. **Cadernos Pagu**: publicação da Unicamp, Campinas, n. 16, 2001. Dossiê Feminismo em questão, questões do feminismo, p. 13-30.

DOLAN, Jill. **The feminist spectator as critic**. Michigan: The University of Michigan Press, (1991: pp.59-82).

DOLAN, Jill. **The feminist spectator in action**: feminist criticism for the stage and the screen. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

GOODMAN, Lizbeth. **Contemporary feminist theatres**: to each her own. London: Routledge, 1993.

HART, Linda & PHELAN, Peggy. (Eds.) **Acting out**: feminist performances. Michigan: The University of Michigan Press, 1993.

JACOBS, Daiane Dordete Steckert. **Possível cartografia para um corpo vocal queer em performance**. Tese (Doutorado em Teatro) – Programa de Pós-graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

KEYSSAR, Helene. **Feminist theatre and theory**. London: MacMillan Press. 1996.

LEAL, Dodi Tavares Borges. **Performatividade transgênera**: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral. Tese (Doutorado em Psicologia Social), USP, 2018.

MIRANDA, Maria Brígida de. **Playful training**: towards capoeira in the physical training of actors. Tese (Doctorate Thesis), La Trobe University, Melbourne, 2004.

MIRANDA, Maria Brígida de. Colcha de memórias: epistemologias feministas nos estudos das artes da cena. **Urdimento**, Florianópolis, v.3, n.33, p. 231-248, dez. 2018.

MIRANDA, Maria Brígida de.; JACOBS, Daiane Dordete Steckert. **Programa da Disciplina**, "Seminário Temático 1: Introdução ao Teatro Feminista; dramaturgias, encenações e ativismos", 2/2019.

RAGO, Elizabeth. Epistemologia feminista, gênero e história. *In*: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Org.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. Disponível em:
http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf

SANDER, Lucia V. **Susan e eu** - ensaios críticos e autocríticos sobre o teatro de Susan Glaspell. Brasília: Editora UnB, 2007.

SANDER, Lucia V (Org.). **Bagatelas**. O teatro de Susan Glaspell: cinco peças. Publicação da Seção de Imprensa, Educação e Cultura da Embaixada dos Estados Unidos da América. Sem data de publicação.

SOLGA, Kim. **Theatre and feminism**. London: Palgrave, 2016.

SOUZA, Maria Cristina de. **A tradição obscura**: o teatro feminino no Brasil. Niterói; Rio de Janeiro: Bacantes, 2001.

VINCENZO, Elza Cunha de. **Um teatro da mulher**. São Paulo: Edusp, 1992.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos das mulheres**. Edição comentada. São Paulo: Boitempo, 2016.

Links Citados:

Mostra Rosa Teatral 2017 <https://nigs.ufsc.br/2017/09/30/convite-para-a-primeira-mostra-rosa-teatral/>

Mostra Rosa Teatral 2018 <https://noticias.ufsc.br/2018/10/mostra-teatral-rosa-celebra-sauda-das-mulheres-em-evento-a-partir-desta-quarta-3-de-outubro/>

Mostra Rosa Teatral 2019 <http://desacato.info/iii-mostra-rosa-teatral/>

Ciclo Teatros Feministas em Cena - 2017

https://www.udesc.br/noticia/ciclo_teatros_feministas_em_cena_ocorre_na_udesc_ate_25_de_agosto

Prêmio Construindo Igualdade de Gênero do Programa Mulher e Ciência

<<http://www.igualdadedegenero.cnpq.br/igualdade.html>>

Lei Maria da Penha de 2006 <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>